

## LÉXICO DA LÍNGUA WAPICHANA: um olhar sobre os empréstimos da língua portuguesa.\*

Alessandra de Souza Santos (UNB)

### Resumo

Encontramos diversos trabalhos de linguística que versam sobre a contribuição das línguas indígenas faladas no Brasil para o léxico da língua portuguesa, por exemplo, os tupinismos presentes na língua portuguesa. Em contrapartida poucas são as pesquisas que analisam as contribuições da língua portuguesa na constituição, e construção, do léxico das línguas indígenas. Este trabalho insere-se nesta lacuna, sendo o objetivo maior apresentar uma análise inicial dos empréstimos linguísticos originários da língua portuguesa presentes na língua Wapichana.

**Palavras-chave:** Língua Wapichana. Língua Portuguesa. Empréstimo linguístico. Contato linguístico

### 1. INTRODUÇÃO

A contribuição das línguas indígenas faladas no Brasil para o léxico da língua portuguesa é um assunto bastante discutido por filólogos, por linguistas – em especial para aqueles que possuem interesse nas ciências do léxico e nos estudos de linguística histórica – e por pesquisadores de línguas indígenas. No entanto, poucos são os trabalhos encontrados na via inversa, ou seja, que analisam as contribuições da língua portuguesa na constituição do léxico das línguas indígenas. Este trabalho insere-se nesta lacuna sendo o objetivo maior apresentar uma análise inicial dos empréstimos linguísticos originários da língua portuguesa presentes na língua wapichana, da família Aruak, falada em Roraima/Brasil.

Para dar suporte a tal análise, antes será necessário apresentar uma revisão da literatura sobre a relação entre o contato linguístico e as mudanças passíveis de ocorrer nos sistemas linguísticos que se encontram nesta situação de contato. Segundo os estudos já realizados sobre empréstimos linguísticos, o léxico parece ser o nível mais sensível as mudanças

---

\* A. S. S. é doutoranda em linguística no Programa de Pós- Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB) e professora da Universidade Estadual de Roraima. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada na Abralín em Cena Roraima em Outubro de 2008. Agradeço à Davi Albuquerque por suas preciosas considerações sobre as línguas indígenas que contribuíram para a construção deste artigo.

decorrentes do contato entre línguas. Consideraremos como língua receptora dos empréstimos a língua wapichana e como língua fonte à língua portuguesa.

Após a fundamentação teórica e uma breve contextualização do contato entre as línguas em questão, analisamos alguns empréstimos linguísticos oriundos do Português, identificados na 1ª edição do *Dicionário Wapichana-Português* de Casimiro Manoel Cadete, tais como as palavras: ‘agulha’ *akusa*, ‘camisa’ *kamich*, ‘carta, livro, papel’ *karit*, ‘cavalo’ *kawaru*, ‘curral’ *kurara*, ‘gato’ *pixan*, ‘Jesus’ *Jisu* e ‘biblia’ *bíblia*.

A existência de empréstimos linguísticos, tendo o português como língua fonte, em áreas distintas do léxico do Wapichana – tais como: itens de cultura material e termos de parentesco – é reveladora e comprova linguisticamente a situação de contato, bilinguismo e interferência cultural. Ao coletar os dados analisados neste artigo, foram encontrados empréstimos lexicais provenientes do contato dos Wapichanas com outras etnias e línguas que não foram discutidos aqui. O estudo do léxico da língua wapichana poderá contribuir para elucidar diversas questões que envolvem desde a cultura do povo Wapichana até questões linguísticas.

## 2. CONTATO LINGÜÍSTICO

O Contato Linguístico é comprovadamente um motivador para mudanças no sistema linguístico das línguas que por alguma razão estão, ou estiveram, em situação contato. Essas mudanças podem ocorrer na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no léxico. O quanto uma língua irá sofrer modificações ou imporá mudanças na outra dependerá do tempo de contato e de fatores externos como importância econômica e política de um dos povos ou Nação. Um exemplo destas interferências foi o ocorrido durante a colonização do Brasil, a Língua Portuguesa exerceu grande influência nas línguas que aqui existiam, impondo modificações e em muitos casos até a completa substituição da língua indígena pelo português.

O estudo de situações de contato linguístico encontra justificativas, tanto no eixo diacrônico, pois fornece informações sobre a história das línguas, quanto no eixo sincrônico, em razão das sociedades bilíngues ou multilíngues que co-existem na atualidade.

Ao analisar uma situação de contato linguístico, tanto no eixo sincrônico quanto no diacrônico, o linguista, sempre que possível, deve considerar em seu trabalho além dos sistemas das línguas em questão o quadro que envolve a situação de contato, ou seja, qual o contexto social, econômico e histórico que podem influenciar a direção do empréstimo.

Quanto maior for o prestígio de uma determinada língua, ou nação, maior a influência que essa poderá causar no sistema linguístico em contato.

Uma diferenciação entre dois contextos de ocorrência de contato linguístico é necessária:

- a) Contexto individual: quando um mesmo indivíduo fala duas línguas, aqui as transferências fonológicas, gramaticais e lexicais atingem apenas o sistema linguístico do próprio indivíduo;
- b) Contexto social: quando um grupo falante de uma língua X entra em contato com outro grupo de falantes da língua Y, existindo a ocorrência de interferência no sistema linguístico que atinja todos os falantes de uma determinada língua.

Os indivíduos frequentemente carregam traços de sua língua materna, ou L1, para a segunda língua, ou L2, que venha a adquirir<sup>1</sup>. O traço frequentemente transferido da L1 para a L2, e que marca a diferença entre falantes nativos e falantes de segunda língua dizem respeito ao nível fonológico, tais como acento e ritmo, podendo ocorrer também erros na distribuição de alofones ou fonemas em particular que levem a violações no sistema fonológico da “língua-alvo”. Passando ao sistema da língua pode ocorrer a inclusão, modificação ou apagamento de fonema em razão do contato linguístico. Tais transferências podem abranger também a estrutura gramatical, sintaxe e morfologia – podendo envolver inversões na ordem dos constituintes da oração, ou na generalização de regras de formação de palavras – e o sistema semântico e lexical.

## 2.1 Língua e contato Wapichana

De acordo com informações do Centro de Informação da Diocese de Roraima (CDIR), os índios Wapichana atualmente habitam uma região que se estende desde o nordeste do estado de Roraima até a fronteira com a Guiana Inglesa e é dividida em três áreas: Surumu-Cotingo, Taiano-Amajari e Serra da Lua-Rupununi. A população Wapichana é de cerca de 10.000 pessoas, contabilizando tanto os que vivem em território brasileiro como os que estão no território da República Cooperativista da Guiana.

Como descreve Farage (1997) os primeiros registros de contato entre os Wapichana e os colonizadores efeturaram-se no início do século XVIII. Como aconteceu com diversos outros povos, a fragmentação territorial imposta e/ou os aldeamentos forçados aos Wapichana

---

<sup>1</sup> São excluídos aqui os casos de “bilinguismo perfeito” onde o falante tem a aquisição simultânea de duas línguas, ou quando a L2 é adquirida ainda no período considerado ótimo para aquisição de línguas.

acarretaram em um longo contato com não-índios, falantes de português e da língua geral amazônica – nheengatu, e com índios, falantes principalmente de Makuxí – pertencente a família Karib . Segundo Santos (2006), apesar desse longo contato, são cerca de dois séculos, as influências do português e do Makuxí limitaram-se a alguns empréstimos fonológicos e lexicais, sendo observados casos isolados de empréstimos de preposições.

Rodrigues (1986) classifica a língua Wapichana como pertencente à família Aruák. Estudos realizados posteriormente confirmam esta hipótese (Aikhenvald 1999; Payne 1991) apresentando extensa quantidade de evidências linguísticas e tipológicas, de natureza fonológica, morfológica, sintática e lexical para incluir o Wapichana nesta família linguística.

### 3. EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

O empréstimo linguístico, tema de inúmeras discussões, em especial de estudos de linguística histórica, é descrito como sendo a transferência de traços de um sistema linguístico para outro sistema linguístico. Haugen (1950) conceitua empréstimo como a tentativa de reprodução numa língua de padrões pertencentes à outra língua, esta tentativa não é uma simples imitação, mas ao contrário, consiste na tentativa de reprodução natural da palavra original. Ou seja, no caso do léxico o item que passa da língua fonte para a língua receptora e sofre um processo de re-análise, uma adequação ao padrão silábico ou uma adaptação fonológica, na língua receptora é chamado de empréstimo. Outra possibilidade pode ocorrer: o item lexical transplantado pode sofrer um processo de adaptação semelhante ao processo de tradução, o que é chamado na literatura especializada por *decalque*.

Um dos motivadores para o surgimento de empréstimos linguísticos, e conseqüentemente de mudanças linguísticas, é comprovadamente o contato linguístico. O quanto uma língua interfere no sistema linguístico da outra dependerá principalmente de dois fatores: o tempo de contato dos dois povos, e de fatores externos. Os fatores extralinguísticos que possuem um papel fundamental na mudança linguística, sejam elas de ordem sincrônicas ou diacrônicas, estão a importância econômica e política de um dos povos e a necessidade sócio-cultural da inserção de novos itens/conceitos adotados de outros povos, geralmente itens da cultura material e imaterial estranhos aos traços culturais do povo que possui a língua receptora.

Esta transferência de um traço de uma língua para a outra pode ocorrer em qualquer dos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e/ou lexical. Segundo Van Coestem

(1988), a fonologia e a gramática (sintaxe e morfologia) são geralmente mais estáveis do que o léxico. Neste trabalho, analisaremos os itens lexicais da língua wapichana que tiveram origem em empréstimos da língua portuguesa.

Na literatura sobre empréstimos e contato linguístico encontramos os termos *língua receptora*, para referir-se àquela que recebe a influência, ou seja, admite em seu sistema elementos que originalmente pertencem a outro sistema linguístico, e *língua fonte* para aquela que influencia, ou seja, ‘doa’ elementos linguísticos para outra língua.

Bloomfield (*apud* Dillon, 1945) apresenta a distinção entre: *cultural borrowing* que ocorre entre línguas vizinhas e depende do grau de compreensão mútua entre as línguas; *intimate borrowing* ocorre entre falantes que convivem na mesma área, porém esse empréstimo é limitado às palavras não-familiares e pode restringir-se a uma parte do vocabulário da língua, a esse tipo de empréstimo Bloomfield chama de *aberrant borrowing*. Como já dito anteriormente, a adoção de empréstimos linguísticos pode ser motivada pela necessidade de atribuir nomes a novos conceitos, nomes de pessoas, lugares e objetos e a introdução de produtos importados de outra cultura.

A palavra que passa pelo processo de empréstimo possui um padrão em sua língua original, o chamado modelo, que sofrerá uma re-análise na língua receptora. Assim desde o início do processo de empréstimo este modelo está sujeito a modificações, pois causa em sua importação uma inovação na língua que o recebe. Assim na tentativa de reproduzi-lo o falante pode substituir um traço fonológico por um padrão similar em sua língua. Este fenômeno ocorre pela comparação linguística que o falante faz entre os dois sistemas linguísticos. O tipo de substituição mais descrito na literatura é a substituição de padrões fonéticos, no entanto podemos observar a existência de substituição de padrões morfológicos e sintáticos.

Haugen (1950: 230-231) menciona a seguinte classificação<sup>2</sup> para os empréstimos linguísticos:

- a. *Loanword*: inclui quase todos os tipos de empréstimos, onde os falantes importam o significado e a fonologia da palavra. Um exemplo em português é internet;
- b. *Loanblend*: a palavra importada sofre processo de adaptação parcial, que inclui os chamados híbridos, por exemplo ‘seda queda control’;
- c. *Loanshifts*: onde ocorre a adaptação completa da palavra, por exemplo hot dog ~ cachorro-quente

Utilizando uma ótica diferente sobre os empréstimos, Staub (1983) apresenta outra classificação para os empréstimos linguísticos: *empréstimos diretos*, aqueles que migram

---

<sup>2</sup> Como estamos apresentando na análise dados de língua escrita, optei por manter este parâmetro na fundamentação teórica.

diretamente da língua fonte para a língua receptora, e *empréstimos indiretos*, aqueles não nativos na língua fonte possuindo desta forma um estágio intermediário de migração.

Para a análise dos empréstimos em Wapichana nos baseamos nos conceitos de língua fonte, Português, e língua receptora, Wapichana, e para a classificação dos empréstimos as análises propostas por Haugen (1950) e Staub (1983). Adotamos a visão de empréstimo presente em Weinreich (1974), onde ele afirma que o contato linguístico gera uma situação de bilinguismo e, como este bilinguismo não é perfeito, gerará uma interferência linguística. A interferência linguística pode ser considerada o primeiro passo do surgimento dos empréstimos.

#### 4. ANÁLISE DOS EMPRÉSTIMOS

Os dados da presente análise foram retirados de Cadete (1992), um dicionário bilíngue Wapichana – Português/Português – Wapichana<sup>3</sup>. E para responder algumas questões de ordem gramatical utilizamos o trabalho de Santos (2006), que consiste em uma tese de doutoramento apresentando uma descrição gramatical da língua wapichana.

Ao analisarmos o léxico Wapichana pode-se perceber um número significativo de itens de origem portuguesa, principalmente itens relativos à cultura material que eram estranhos ao povo Wapichana. Entre eles podemos elencar os seguintes:

- a. *akusa* - ‘agulha’
- b. *baraka’u* - ‘branco’ (cor)
- c. *kamich* - ‘camisa’
- d. *karit* - ‘carta, livro, papel’
- e. *kawaru* - ‘cavalo’
- f. *kurara* - ‘curral’
- g. *pixan* - ‘gato’
- h. *Jisu* - ‘Jesus’

Consideramos tais palavras como empréstimos linguísticos por referirem itens que foram inseridos na cultura Wapichana pelo contato com outros povos e não que faziam parte de seu mundo, como papel, cavalo e agulha – era necessário criar um item lexical para referir-se a eles, e a solução linguística foi o empréstimo – e a semelhança da forma dicionarizada com a língua fonte, o português.

---

<sup>3</sup> Utilizamos aqui o termo ‘dicionário’ de acordo com o título da própria obra consultada. Discussões de natureza lexicográfica sobre a adequação do uso desse termo a obra citada estão fora do escopo deste artigo.

Numa análise inicial, os empréstimos do Wapichana que apresentam claramente algum tipo de adaptação fonética e/ou fonológica ao sistema Wapichana: ‘camisa’ *kamich*, ‘cavalo’ *kawaru*, e adaptação à estrutura silábica Wapichana<sup>4</sup>: ‘carta, livro, papel’ *kari*t, ‘curral’ *kurara*, ‘branco’ (cor) *baraka’u*. Alguns empréstimos depois de incluídos no léxico da língua receptora sofreram mudanças semânticas, por exemplo, a extensão semântica ocorrida no empréstimo ‘carta’ *kari*t, que passou não somente a significar ‘carta’, mas outros veículos de informação como ‘livro’, e mais tarde passou a referir também o material que compõe a ‘carta’ – o ‘papel’. Vejamos a tabela abaixo:

**Tabela 1** Classificação dos empréstimos do Português na Língua Wapichana segundo Haugen (1950)

<i>Loanword</i>	<i>Loanblend</i>	<i>loanshifts</i>
‘atee’ - até ‘biblia’ - <i>bíblia</i>	‘akusa’ - agulha ‘baraka’u’ - branco (cor) ‘kamich’ - camisa ‘kari’ <i>t</i> - carta, livro, papel ‘kawaru’ - cavalo ‘kurara’ - curral ‘pixan’ - gato ‘Jisu’ - Jesus	‘auwartararibnaa’ - pára-brisa ‘auwar’ - vento ‘auwnyitannaa’ - óculos ‘auwnyi’ - olho

Um dado que merece ser discutido é o da palavra ‘gato’, em wapichana ‘pixan’. Em língua portuguesa temos a palavra ‘bichano’ utilizada, frequentemente, como sinônimo de ‘gato’. Os falantes de wapichana no período de início do contato receberam como empréstimo o item ‘bichano’ e provavelmente adaptaram para ‘pixan’ que atualmente refere-se somente a ‘gato’. O que nos faz considerar este item como empréstimo não é somente a semelhança fonológica entre ‘bichano’ e ‘pixan’, mas o fato deste animal não ser natural da região onde habitam os Wapichana, sendo o próprio animal uma inovação na cultura deste povo.

Numa segunda análise dos dados aqui expostos, e comparando com dados apresentados por Lessa (2003), identificamos que alguns empréstimos considerados como tendo o Português como língua fonte, são na verdade empréstimos da Língua Geral Amazônica originados a Língua Portuguesa. São eles:

- a. *kamich* - ‘camisa’
- b. *kawaru* - ‘cavalo’
- c. *kurara* - ‘curral’

Retomemos então a proposta de Staub (1983) para a classificação de empréstimos linguísticos. Seguindo esta proposta os empréstimos de Língua Portuguesa são divididos em dois grupos: os empréstimos diretos e os indiretos, vejamos a tabela abaixo:

**Tabela 2** Classificação dos empréstimos do Português na Língua Wapichana segundo Staub (1983)

<i>Diretos</i>	<i>Indiretos</i>
----------------	------------------

<sup>4</sup> A sílaba Wapichana, de acordo com Santos (2006: 65 e segs.), possui o padrão CVVC. Mas a segunda vogal e a consoante em posição final são restritas a alguns segmentos, ou seja, não podem ser preenchidas por qualquer item presente no inventário fonológico da língua.

'atee' até 'biblia' <i>bíblia</i> 'pixan' gato 'baraka'u' branco (cor) 'akusa' agulha	'kamich' → 'camixá' → camisa 'kawaru' → 'cavaru' → cavalo 'kurara' → 'curára' → curral
---------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------

Assim os itens apresentados acima constituem empréstimos indiretos do português no léxico Wapichana, pois passaram por um estágio intermediário em Nheegatu sofreram nesta língua os processos de regularização fonológica e foi esta forma que migrou para o Wapichana. Sem considerar este percurso classificamos inicialmente estas palavras como sendo loanblends, como propõe Haugen (1950), ou seja, como palavras da Língua Portuguesa que foram adaptadas ao sistema linguístico Wapichana. No entanto tais palavras constituem empréstimos do Nheegatu, o percurso de tais itens então é: *Português > Nheegatu > Wapichana*.

Santos (2006) apresenta e discute o empréstimo de palavras para relações de parentesco<sup>5</sup>: *maamai* 'irmã da mãe' e *paapai* 'irmão do pai'. Segundo este autor estas palavras são utilizadas somente para referir 'irmão do pai' e 'irmã da mãe'. Pode ser que tenhamos aqui um caso de especialização semântica para o termo em Wapichana: *rare* e *raru* passando a significar somente 'pai' e 'mãe' respectivamente, enquanto *maamai* e *paapai* assumam o termo 'irmã da mãe' e 'irmão do pai' respectivamente.

Como é discutido na literatura, a gramática parece ser a parte mais estável do sistema linguístico, ou seja, mudanças linguísticas que afetem a sintaxe são raras porém possíveis. Entre as partes do discurso que podem ser transplantadas temos que os substantivos são mais facilmente emprestados do que preposições, pois os primeiros possuem significado lexical ou semântico, pertencem a uma classe aberta, e as preposições indicam relações gramaticais, são funcionais e pertencem a uma classe fechada.

Em wapichana temos um dado a ser analisado que demonstra que apesar de ser mais estável, a sintaxe pode sofrer alterações em situações de contato linguístico: é o empréstimo da preposição 'até' *atee*. O sistema linguístico do Wapichana possui a mesma ordem de constituintes do português SVO (sujeito – verbo – objeto), mas diferente do português sua sintaxe possui posposições, enquanto o português aceita somente preposições. O item '*atee*' parece ter o comportamento morfossintático de preposição, conforme pode ser visto no exemplo abaixo (Cadete 1992):

<i>atee</i>	<i>panadun</i>	<i>paunar</i>
até	outro tempo	parente
'até mais parente'		

<sup>5</sup> Sugiro a leitura do trabalho de Santos (2006) para um melhor esclarecimento sobre estes dados.

Esta análise preliminar do léxico Wapichana ainda revelou empréstimos de outras línguas indígenas, em especial de línguas da Família Tupi, possivelmente do Nheegatu, e do Makuxi. Como exemplo de empréstimos de origem nheengatu, temos: ‘boi, gado’ *tapi’iz* que permaneceu com a mesma forma e ‘brasileiro’ *karaisan*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise preliminar feita dos empréstimos em Wapichana revela um quadro histórico de contato deste povo com outros povos indígenas e não-indígenas, provavelmente a partir de seu primeiro contato com o colonizador no século XVIII. É reveladora a existência de empréstimos em áreas distintas tendo o português como língua fonte: itens de cultura material, termos de parentesco e preposição, o que prova linguisticamente a situação de contato, bilinguismo e interferência como origem dos empréstimos, de acordo com Weinreich (1974). A presença de empréstimos de origem Tupi, e Makuxí, não analisados aqui, e de Nheengatu, também nos revela o contato do povo Wapichana tanto com falantes de Nheengatu como com falantes das outras línguas indígenas citadas, o que é corroborado pela proximidade geográfica e pela documentação histórica.

Um estudo aprofundado do léxico Wapichana pode revelar bastante da história, da situação sociolinguística e das formas de pensar desse povo. Isso nos mostra da complexa interface que o léxico possui, uma interface tanto linguística, interagindo com os demais níveis de análise linguística, quanto extralinguística, nos mostrando dados a respeito da história, da cultura e da forma de pensar dos povos. Aqui apresentamos uma análise preliminar das contribuições lexicais da língua portuguesa para a língua wapichana, muitos dados não foram utilizados neste artigo por julgarmos necessário confirmar com um falante nativo de wapichana as impressões linguísticas que tivemos, por exemplo, a palavra ‘auwartararibnaa’ que é usada para nomear ‘para-brisa’ parece ser uma “tradução” do conceito do objeto, no entanto ainda não temos evidências que comprovem esta intuição.

Quais são os empréstimos mais antigos e mais recentes, e como os empréstimos mais recentes são encarados pela comunidade? Os empréstimos de origem Tupi são de quais línguas exatamente? Há empréstimos de outras línguas indígenas que não sejam Tupi? Essas e outras perguntas sendo respondidas muito têm para contribuir para a teoria linguística e para a linguística indígena sul-americana. Em outras palavras, o estudo do léxico e do contato linguístico muito tem para contribuir para a linguística contemporânea.

## WAPICHANA LANGUAGE LEXICON: an overall about the loans in the Portuguese Language.

**Abstract:** Various linguistics works are found about the indigenous languages contributions in Brazil to the Portuguese language lexicon, as, for example, the *tupi* words in the Portuguese Language. However, there are few researches that analyze the Portuguese language contributions in constitution and construction of indigenous languages lexicon. This work fits in this blank and its major object shows an initial analysis of linguistics borrowing derived from the Portuguese language present in Wapichana language.

**Key-words:** Wapichana Language, Portuguese Language, linguistic borrowing, linguistic contact

### REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. “The Arawak language family”. In: R. M. W. Dixon and A. Y. Aikhenald (orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, 1999.
- BAINES, Stephen G. *Os Índios Makuxi e Wapichana e suas relações com Estados Nacionais na fronteira Brasil-Guiana*. Brasília: Série Antropologia 338, 2003.
- Centro de Informação Diocesana (CIDR). *Índios de Roraima: Makuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixana*. Boa Vista: Coronário, 1989.
- CADETE, Casimiro Manoel. *Dicionário Wapichana – Português – Wapichana*. Edições Loyola, São Paulo, 1992.
- COETSEM, Frans Van. *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Foris Publication. Holland, 1988
- FARAGE, Nádia. *As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana*. USP: Tese de doutorado, 1997.
- HAUGEN, E. *The analysis of linguistic borrowing* Language, vol. 26, nº 2 abril/junho 1950, pp. 210-231
- PAYNE, David L. “A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions”. In: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum. *Handbook of Amazonian languages*. Berlin/New York: Mouton – De Gruyter 3: 355-499, 1991.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- LESSA, Antônio Luis S. *Análise dos empréstimos do português de um dicionário tupi de 1771 Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFPA para obtenção do título de Licenciado em Letras, UFPA, Belém 2003*
- SANTOS, M. G. *Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. UNICAMP: Tese de Doutorado, 2006.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton, 1974

STAUB, Agostinus. O empréstimo linguístico: um estudo de caso. Livraria Editora Acadêmica. Brasília 1983